

ATÉ MAIS

Em uma manhã até então comum, no frio do mês de junho, nossa família acordou como num dia normal, uma segunda-feira. Era mais um sonolento início de semana, que nos marcaria para sempre.

Cansados pelo final de semana de correria e das preocupações da vida, a rotina era retomada.

Todos os dias pela manhã, Bob, meu cachorro, saía para seu passeio matinal, às vezes alongando por horas, retornando por volta das nove horas, para um café da manhã, com seu simples pão francês que minha mãe lhe dava, e que ele fazia questão de levar a um ponto de sol no chão, para ficar bem torrquinho.

Ele era realmente especial, desde filhote, gostava muito de brincar, buscava pedras no matagal em frente de casa quando alguém jogava para ele, buscava-as até sua língua cair pela boca de tanta fadiga e, ao chegar em casa, se acabava ao tomar água.

Arregalava os dentes como se estivesse rindo quando chegava visita em casa, acordava-me às lambidas, imitando todos os cachorros comuns que são carinhosos com seus donos, porém, como já disse o autor do Pequeno Príncipe, ele era meu cão, foi ele quem me cativou, dele eu cuidei quando, ainda filhote, era bem doente; dentre mil cachorros iguais no mundo, ele era único pra mim.

Bob apenas não gostava do lixeiro, pois em um ato de proteger a casa, pensava que ele roubava nosso lixo, tudo em defesa de seu lar.

Mas, nessa manhã em especial, ele se foi e não voltou, nunca mais voltou.

Ao certo ninguém sabe o que se sucedeu a ele: se foi atrás de cadela, se foi morto

atropelado, se foi atacado pelo cão do vizinho (o qual havia brigado com ele dias antes), se foi recolhido por outra pessoa ao quintal, ou se foi embora para Pasárgada...nada se sabe, eu creio que está perdido em uma nova odisseia, não sei. Tudo o que sei é que nada sei...

Sabemos apenas que ele não voltou.

Falta de amor para com a família com que ele conviveu sete intensos anos? Ou vontade de conhecer novos ares? Tudo isto é pouco provável, o mais provável é que o Bob era tão especial que a morte seria algo nunca imaginável e nada digna para ele compartilhar com seus donos.

Acredito que assim ele se eterniza, saindo de nossas vidas de uma forma discreta e comovente, entrando definitivamente em nossas histórias, fazendo-nos pensar que uma hora ou outra ele pode voltar e estar em frente de nossa casa, esperando que joguemos uma pedra para ele pegar no mato, ou simplesmente querendo entrar para tomar sua água, depois de uma longa caminhada costumeira.